



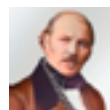
IDEM

INFORMATIVO DR. EDUARDO MONTEIRO



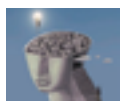
A leitura, o estudo metódico e a reflexão das obras codificadas por Allan Kardec são a base essencial para a real compreensão da Doutrina Espírita. Sem esse mergulho direto nas obras fundamentais, corre-se o risco de distorcer os ensinamentos ou de limitar-se ao misticismo.

Edição 357
JUNHO | JULHO 2026



O QUE DISSE KARDEC:
AS LIÇÕES DE ALLAN KARDEC PARA A BOA CONVIVÊNCIA NO CENTRO ESPÍRITA

03



FILOSOFIA ESPÍRITA
KARDEC E A FILOSOFIA ESPÍRITA

08



JOSÉ HERCULANO PIRES - O APÓSTOLO DE KARDEC
O CENTRO ESPÍRITA- DISCIPLINA FRATERNA

11



PARA REFLEXÃO
RISCOS CONCEITUIAS E DOCTRINÁRIOS NO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

12



INSTRUINDO-SE COM A REVISTA ESPÍRITA
DITADOS ESPONTÂNEOS

14



CIÊNCIA E ESPÍRITISMO
INSTINTO: INTELIGÊNCIA DE ORIGEM DIVINA NA MATÉRIA

14



Aprofundando o Conhecimento das Leis Divinas
Vivendo as Leis Morais: Conhecimento e Transformação

15



Obras Fundamentais em Foco:
Porque a Fascinação Pode Ser Tão Danosa ao Indivíduo

19



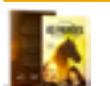
Fala, Irmão José!
Na Seara

20



Espaço Chico Xavier
Receita Para Melhorar

20



Vale a Pena Ler:
As Paixões de Descartes a Kardec Cosme Massi

21



Cuidar da Mente: Tarefa Urgente

22



Minha Religião é o Pensamento

24



Rumi e o Poder do Silêncio

25



Reformar ou Transformar: Reforma Íntima ou
Transformação Espiritual?

27

FORA DA CAIXA

Cultura: Alfredo Volpi: Biografia e Obras Fundamentais

31

Poesia: Para Ser Grande, Sê Inteiro

33

Bem Estar: Assistir a vídeos na velocidade acelerada afeta a saúde mental?

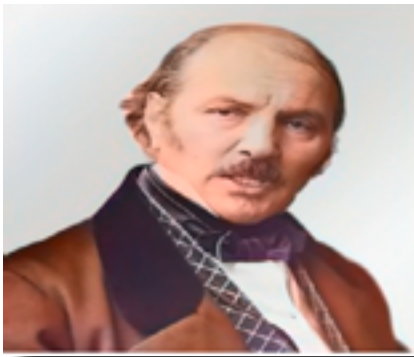
34

Dica de Leitura: Não Pise no Meu Vazio - Ana Suy

36

Livre Pensamento: Clóvis de Barros: A identidade líquida segundo
Zygmunt Bauman:

37



O Que Disse Kardec

AS LIÇÕES DE ALLAN KARDEC PARA A BOA CONVIVÊNCIA NO CENTRO ESPÍRITA

Sempre atento à qualidade das atividades realizadas nas sociedades espíritas, quando o espiritismo ainda dava seus primeiros passos na França no século 19, Allan Kardec preocupava-se com o fortalecimento da socialização e da união dos grupos nascentes, com foco na delicada tarefa da convivência fraterna entre seus membros. Sabia ele ser esse um guia indispensável para o empreendimento de qualquer trabalho ou estudo do espiritismo.

Em discursos ou em textos na Revista Espírita, por ocasião da abertura e encerramento do ano social da Sociedade Parisiense, há nos comentários de Kardec valiosas instruções para a real compreensão não apenas da doutrina espírita, mas também um convite direto aos espíritas ao empenho pelo cultivo de valores e sentimentos de renovação moral.

Kardec e os espíritos sempre deixaram claro o caráter educativo das instituições espíritas, aspecto importante a ser primeiramente reverenciado em qualquer tarefa, tendo-se os grupos que se formavam como um laboratório fraterno de experiências individuais e coletivas que tinham como finalidade a renovação social através do melhoramento dos indivíduos.

Ensina o espiritismo que não basta saber, sendo necessário vivenciar a aplicação dos conhecimentos adquiridos no aprimoramento das relações humanas, constituindo-se os grupos espíritas células indispensáveis para fomentação de um mundo melhor, mais ético, espiritualizado e fraterno.

“O homem chegou a um período em que as ciências, as artes e a indústria atingiram um limite até hoje desconhecidos. Se os gozos que delas tira satisfazem a vida material, deixam um vazio na alma e ele aspira a algo melhor”, já observava Kardec, em 1862, ao se dirigir aos espíritas de Lyon e Bordeaux, em 1862.

Cidadão de vanguarda, Allan Kardec constatava no século 19 que o homem “sonha” com melhores instituições. *“Quer a vida, a felicidade, a igualdade, a justiça para todos. Mas como atingir tudo isso com os vícios da sociedade e, sobretudo, com o egoísmo?”*, refletia, sabedor que era da imperfeição humana como fonte geradora dos mais diversos conflitos.

Foi assim que o espiritismo chegou à Terra, tendo como bandeira a caridade e muito bem representando a proposta de esforço para a renovação humana, com base nos novos conhecimentos da vida futura e da imortalidade da alma. Havia, ao mesmo tempo, a necessidade de se aprender a fazer nas próprias sociedades espíritas a lição de casa do respeito mútuo e da fraternidade, superando-se melindres, ressentimentos, dissidências.

Hoje, essa delicada tarefa continua e faz lembrar a afabilidade e a seriedade de Kardec em seus encontros com os espíritas, *“um banquete de amigos”*, segundo ele, que deveria prezar sempre pela união e pelos sentimentos de amor.

Assim como à época do espiritismo nascente, habitamos um mundo imperfeito conforme nosso merecimento e, ainda que as verdades espirituais nos animem e nos consolem, não podemos viver alienados do agora, do que se passa a nossa volta.

Observamos com frequência tantos quadros de desajustes, que assinalam distúrbios mentais e emocionais associados a obsessões, perguntando-nos até quando estaremos a comprometer e a atrasar nossa caminhada evolutiva nesse orbe repleto de tantas belezas, mas que também nos assusta pela prevalência do materialismo, retratado por vezes pela agressividade e, por outras, pela apatia.

A convivência na casa espírita necessita desse reconhecimento, da consciência de que todos estamos em processo de evolução na complexidade desse mundo contemporâneo bastante conturbado, mas que também nos oferece inúmeras possibilidades de aprendizado e retomadas de rotas. *“Coloco em primeira instância o consolo que é preciso oferecer aos que sofrem, erguer a coragem dos caídos, arrancar o homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no limiar do crime...”*, discursou Kardec em 1862 sobre as tarefas a serem desempenhadas pelos grupos espíritas.

FALÍVEIS E FRÁGEIS

Não são poucas as vezes em que a convivência na casa espírita fica estremecida pela falta de observação das condições ainda limitantes da nossa história espiritual.

Esquecemos quase sempre de que estamos todos no mesmo barco, navegando nas mesmas águas, mas temporariamente sentados em lugares diferentes, que também nos proporcionam visões e desafios diferentes.

Ser espírita não é apenas uma questão de rótulo, mas exige reflexão.

“Não basta dizer-se espírita. Aquele que o é de coração prova-o por seus atos, não pregando senão o bem, o respeito às leis, à caridade, à tolerância e à benevolência para com todos”, escreveu Kardec na Revista Espírita de janeiro de 1867.

Antes, em junho de 1865, já alertava ele que havia espíritas dos mais variados temperamentos. **“Entre os impacientes, há alguns de muito boa-fé e que gostariam que as coisas andassem mais depressa. Assemelham-se a essas criaturas que julgam adiantar o tempo adiantando o relógio. Outros, não menos sinceros, são impelidos pelo amor-próprio a serem os primeiros a chegar; semeiam antes da estação e apenas colhem frutos malogrados. Infelizmente, ao lado destes, existem outros que empurram o carro a mil por hora, na esperança de vê-lo tombar”.**

A INFILTRAÇÃO ESPIRITUAL

Outro ponto não menos importante enaltecido por Allan Kardec sobre os grupos espíritas foi sobre a questão da invigilância.

Sabe-se que os maiores processos obsessivos, individuais e coletivos, começam pelas pequenas brechas de sintonia e sentimentos. Por isso, se a função prioritária da instituição espírita diz respeito ao melhoramento humano, sabe-se também que, por aprendizado, é preciso zelar para que espíritos ainda opostos ao trabalho do Bem não encontrem ambiente propício para tumultuarem as instituições. Aproveitam-se de pequenas desavenças e ausência de sentimentos nobres, situações tão comuns no estado evolutivo em que nos encontramos e que são causadoras de intrigas e disputas internas, consequências do orgulho e da vaidade. **“Espíritos malfeitores se ligam aos grupos, do mesmo modo que aos indivíduos. Ligam-se, primeiramente, aos mais fracos, aos mais acessíveis, procurando fazê-los seus instrumentos e gradativamente vão envolvendo os conjuntos...”**, ensina O livro dos médiuns, item 340.

Sem dúvida, o orar e vigiar deve estar sempre presente também nas relações do centro espírita. **“Se o espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode, todavia, neutralizar suas consequências e isto é o essencial”**, observou Kardec (veja o quadro na pág 07).

OPINIÕES DIVERGENTES

Quantas vezes, nas mais variadas situações da vida, nos desentendemos por não compartilharmos as mesmas ideias, as mesmas opiniões?

Quando isso acontece na convivência nas instituições espíritas, cumpre-nos observar que o equilíbrio e a resposta devem estar focados na obra de Allan Kardec, pois os objetivos do espiritismo não estão relacionados a meras opiniões pessoais, mas a uma orientação doutrinária estabelecida pela teoria espírita tão bem trabalhada por Allan Kardec após a observação dos fatos.

Não se trata, portanto, de buscar soluções com base em “achismos”, mas em ações responsáveis apoiadas na fidelidade aos princípios espíritas elencados e analisados amplamente nas obras de Allan Kardec, o que permitirá uma linguagem comum a todos em momentos de dúvidas ou conflitos.

Aqui se vê a importância do estudo sério e constante do espiritismo como um todo e não apenas a simples leitura de partes de capítulos de uma obra tão vasta, que podem até mesmo ser utilizadas erroneamente para justificar defesas pessoais.

Como observou o escritor e filósofo J. Herculano Pires, o espiritismo ainda é **“um grande desconhecido”** e Allan Kardec deixou muito claro que o conhecimento de qualquer ciência exige tempo de dedicação.

O estudo, para melhor compreensão, e a caridade, para melhor vivência, constituem-se nos dois grandes pilares de sustentação dos trabalhos desenvolvidos na casa espírita, cuja síntese se realizará através da fé raciocinada, que deverá nortear os valores para uma melhor convivência.

Kardec destacou que, para neutralizar a influência de ideias errôneas, é preciso um maior empenho na divulgação dos temas espíritas e na formação de “adeptos” esclarecidos. **“Está provado que o espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal, do que pelos que não o compreendem absolutamente”**, observou.

COMPROMISSO ÉTICO

Naturalmente, o espiritismo nos convida a um novo olhar para as relações, e as casas espíritas nos oferecem as oportunidades de vivenciar essa experiência a todo momento.

A ética espírita relembra as lições de amor, sabedoria e justiça enaltecidas por Jesus, o espírito mais evoluído que esteve entre nós: Não fazer ao outro o que não gostaria que lhe fizessem.

Kardec também chamou a atenção sobre isso na Revista Espírita de 1864:

“A caridade e a fraternidade são reconhecidas pelas obras e não por palavras. (...) É a pedra de toque com a qual identificamos a sinceridade dos sentimentos. E, em espiritismo, quando se fala de caridade, sabemos que não se trata apenas daquela que dá, mas sobretudo daquela que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de inveja e rancor”.

UM ROTEIRO PARA O CENTRO ESPÍRITA

- A convivência saudável e prazerosa na casa espírita exige esforços de todos – dirigentes, colaboradores e frequentadores.
- Devem colocar-se em posição de destaque todos os que militam pela causa com coragem [...] e sem segunda intenção pessoal, que buscam o triunfo da doutrina pela doutrina e não pela satisfação de seu amor-próprio.
- São as nossas falhas que causam situações embaraçosas nas nossas relações, atraindo influências espirituais infelizes que podem comprometer o trabalho sério. Sobre o assunto, Allan Kardec analisa, em O livro dos médiuns, o perigo da influência espiritual negativa nos grupos espíritas e prescreve valioso roteiro de valores para afastar essas influências:
 - Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;
 - Cordialidade recíproca entre todos os membros;
 - Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade;
 - Um único desejo: o de se instruir e se melhorar por meio dos ensinamentos dos espíritos e do aproveitamento de seus conselhos.

Eliana Haddad

Fonte: Correio News - Ed. 509

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.





A filosofia é o "coração pensante" do Espiritismo, fornecendo o arcabouço racional para entender a vida, o universo e o destino, impulsionando o progresso moral e intelectual. O Espiritismo, através de Allan Kardec, utiliza a razão e a reflexão crítica (semelhante à maiêutica socrática) para investigar os fenômenos, construindo seu corpo de conhecimento de forma lógica, em contraste com a fé cega.

Um filósofo, um professor de filosofia, um pensador honesto e até mesmo uma simples criatura de bom senso não podem negar a existência da Filosofia Espírita, a menos que não saibam o que essa palavra significa. Muito menos negar a natureza filosófica de "O Livro dos Espíritos", que é um verdadeiro tratado de Filosofia.

KARDEC E A FILOSOFIA ESPÍRITA

Os princípios e fundamentos espíritas mantêm sua indiscutível atualidade diante dos avanços tecnológicos, das descobertas científicas e das propostas de integração humanista e solidária de filosofias e religiões. No entanto, alguns pensamentos, procedimentos e concepções encontrados nas obras espíritas, por refletirem a visão pessoal de seus autores, encarnados ou desencarnados, precisam ser analisados, comparados e contextualizados.

O PAPEL DE KARDEC

Allan Kardec tem um papel ainda e, para sempre, muito importante no Espiritismo.

Requer nossa reflexão para que possamos compreender cada vez mais e melhor o papel que a Filosofia Espírita desempenha em nossos dias e como interpretaremos seus postulados e propostas diante da realidade que nos é apresentada nos tempos em que vivemos, acompanhados pelo progresso tecnológico e pelo avanço intelectual e moral que caracterizam este século.

Desde a fundação do Espiritismo, com a publicação de "O livro dos Espíritos", em 18 de abril de 1857, e como uma clara expressão do pensamento lógico e racional de seu sistematizador, ficou registrado que:

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que podem ser estabelecidas com os Espíritos; como doutrina filosófica, abrange todas as consequências morais que decorrem de tais relações."

Dessa forma, respaldado pela experiência desenvolvida por Allan Kardec na classificação, avaliação e caracterização do fenômeno mediúnico como eixo principal e meio eficaz para desenvolver e precisar os princípios e as bases teóricas espíritas, a Filosofia Espírita é estabelecida como uma Doutrina de caráter científico, filosófico e moral.

A publicação sistemática e contínua de suas obras básicas e complementares permitiu que a difusão do ensinamento espírita aumentasse; nelas lemos:

“A força do Espiritismo reside em sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso”;

“O Espiritismo, sob pena de suicídio, não pode fechar as portas a nenhum progresso”;

“O Espiritismo, avançando com o progresso, nunca será ultrapassado, pois se novas descobertas demonstrarem que ele está errado em algum ponto, ele se modificará nesse ponto e se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.”

A clara expressão do pensamento kardecista nessas linhas nos apresenta uma Doutrina Evolutiva e nos coloca diante de uma Filosofia aberta, dinâmica, racional, coerente e, acima de tudo, prática. Ela nos incentiva, como adeptos, a abraçar uma proposta de livre pensamento e humanismo, na qual, através de seu estudo contínuo e de uma compreensão profunda, resultado de reflexões demoradas e experimentações conscientes e sérias, somos conduzidos à identificação clara e lógica de nosso ser como Espíritos imortais. Estamos vinculados à reencarnação presente neste mundo como resultado de inúmeras jornadas evolutivas que já experimentamos e que constituem nossa situação atual. Somos Espíritos conscientes e responsáveis por todo esse acervo espiritual de acertos e erros, conquistas e fracassos que temos vivenciado e que são essenciais para nossa evolução, progresso e compreensão mais profunda de nossa verdadeira situação espiritual.

O NOSSO PAPEL.

Assim, encontramos nas exortações kardecistas – que formam a base e o ponto de partida da Filosofia Espiritista – um excelente guia, um plano experimental e racional que pode facilitar muito nossa visão e compreensão consciente das grandes Verdades Universais.

No entanto, é necessário, para preservar e atualizar o entendimento do “Legado Kardeciano”, a contextualização de cada um de seus conceitos, pontos de vista e ideias fundamentais. Esses princípios derivam dos fundamentos científicos, filosóficos e éticos que caracterizaram a segunda metade do século XIX na França.

O conjunto dos ensinamentos espíritas, bem como a precisa exposição de seus princípios e fundamentos, mantém sua indiscutível atualidade diante dos avanços tecnológicos, das descobertas científicas e das propostas de integração humanista e solidária de filosofias e religiões. No entanto, alguns pensamentos, procedimentos e concepções encontrados nas obras espíritas também refletem a visão pessoal e os pontos de vista expressos por seu fundador e pelos Espíritos desencarnados que o assessoraram em seu trabalho. Esses aspectos precisam ser valorizados, analisados, comparados e contextualizados, seguindo a própria exortação do Espiritismo, em benefício da própria Doutrina Espírita. Isso garante que ela continue sendo a expressão clara, lógica e racional dos princípios e postulados que se baseiam na manifestação objetiva e real das Leis Naturais, que regulam o funcionamento do Universo e a estabilidade de nossas individualidades.

É dever de todo estudioso espírita, de todo adepto comprometido com a fidelidade e preservação da Filosofia Espírita, adotar uma postura aberta, dialética, livre de dogmas e preconceitos, afastada de posições sectárias e movimentos radicais paralelos em seus pensamentos e concepções. Isso permite o estudo, a promoção e a divulgação das doutrinas espíritas conforme foram manifestadas em suas obras fundacionais, mas de acordo com a necessária evolução e atualização conceitual e na linguagem expressiva da Doutrina, que os tempos atuais demandam. Dessa forma, a Doutrina fica livre de ambiguidades e interpretações prejudiciais que poderiam afetar sua interpretação adequada e sua disseminação indispensável.

O pensamento do fundador do Espiritismo deve ser exposto exatamente como foi expresso, refletido, estudado, analisado, valorizado e adaptado aos tempos atuais, pois, dada a inegável atualidade desse pensamento, requer um estudo mais aprofundado e assimilação por parte dos adeptos espíritas. Deve ser considerado como uma orientação para a introdução ao conhecimento da Ciência Espírita, buscando aprofundamentos, mas nunca como a expressão de verdades definitivas ou revelações inquestionáveis.

A garantia para a preservação do Pensamento Espírita para as novas gerações está em nossas mãos e depende em grande parte da atitude que cada um de nós assume em relação a ele, com responsabilidade individual.

Fonte: *Harmonia Revista Espírita*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Não reajas, precipitado, quando ofendido, com a sofreguidão de quem deseja imediata justiça. Nunca te rebeles, porque te não reconhecem os valores positivos e somente te espezinham. O tempo refaz e altera a paisagem terrestre, modificando, também, os acontecimentos morais.

Joanna de Ângelis - Momentos de Harmonia



José Herculano Pires O Apóstolo de Kardec

Nessa coluna publicamos artigos de José Herculano Pires, grande filósofo do Espiritismo, e tido por Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, como “o metro que melhor mediu Kardec”.

A maior característica do conjunto de suas obras é a luta por demonstrar a consistência do pensamento Espírita e por defender a valorização dos aspectos crítico e investigativo da proposta sistematizada por Allan Kardec.

Em seus ensaios nota-se a preocupação em combater interpretações e traduções deturpadas das obras de Allan Kardec, inclusive aquelas que surgiram no seio do Movimento Espírita Brasileiro ao longo do século XX.

O CENTRO ESPÍRITA: DISCIPLINA FRATERNA

O problema da disciplina no Centro Espírita é dos mais melindrosos e deve ser encarado entre as coordenadas da ordem e da tolerância. Não se pode estabelecer e manter no Centro uma disciplina rígida, de tipo militar. O Centro é além de tudo o que já vimos, um instrumento coordenador das atividades espirituais. No esquema das suas sessões teóricas e práticas a questão do horário é imperiosa, mas não deve sobrepor-se às exigências do amor fraterno. Não é justo deixarmos fora da sessão companheiros dedicados ou necessitados, porque chegaram dois ou três minutos atrasados.

Vivemos num mundo material e não espiritual, em que as pessoas lutam com dificuldades várias no tocante à locomoção, de compromissos diversos, e é justo que se dê uma pequena margem de tolerância no horário.

Essa margem não deve também ser estabelecida com rigor, mas deixada ao critério do dirigente dos trabalhos, que saberá dosar as coisas de acordo com as conveniências. O rigor exagerado na questão de horário, mormente nas cidades mais populosas, causa aborrecimentos e mágoas a pessoas sensíveis que, depois de aflição e correria para chegar na hora certa, viram-se impedidas de participar da reunião por alguns segundos ou minutos. Temperandose as exigências da ordem cronológica com dever da atenção aos companheiros podemos evitar aborrecimentos perfeitamente superáveis.

Claro que esse é um problema a ser sempre esclarecido nas reuniões, para que todos possam ter conhecimento da flexibilidade possível no horário. O simples fato de haver essa flexibilidade, já tira à disciplina o seu aspecto opressivo.

Essa mesma dosagem de ordem e tolerância deve ser aplicada a outros problemas, de maneira a assegurar-se, o mais possível, um ambiente geral sem prevenções, que muito ajudará na realização dos trabalhos.

Leia a versão completa aqui: https://drive.google.com/file/d/1Rc9-tQk46YcKj_x-PZS8HoWicgd4Mh8y/view?usp=sharing

Fonte: O Centro Espírita

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Para Reflexão

RISCOS CONCEITUAIS E DOUTRINÁRIOS DO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Produzir conteúdo espírita requer envolvimento moral e intelectual, pois se trata de transmitir valores e princípios que ultrapassam a linguagem.

O avanço da inteligência artificial (IA) transformou a escrita e a pesquisa, oferecendo recursos úteis para organizar ideias, revisar textos e ampliar o acesso ao conhecimento. Entretanto, o uso indiscriminado dessas ferramentas na elaboração de artigos, aulas e palestras espíritas, sem a devida revisão humana, apresenta sérios riscos conceituais, doutrinários e éticos. As próprias empresas desenvolvedoras de IA advertem que seus sistemas podem gerar erros, omissões e distorções. No contexto espírita, isso exige redobrada cautela.

O primeiro problema é epistemológico. A IA não “sabe” o que escreve, pois ela apenas reproduz padrões de linguagem aprendidos em grandes bases de dados, sem compreender o conteúdo.

Assim, pode mesclar ideias corretas e equívocos, citar fontes imprecisas ou confundir conceitos essenciais. Em textos sobre Espiritismo, essa limitação é grave, pois o sistema pode misturar o pensamento de Allan Kardec com interpretações fantasiosas ou doutrinas alheias. A linguagem fluente e convincente das respostas automatizadas aumenta o risco, já que o erro se apresenta com aparência de verdade.

O segundo problema é metodológico e doutrinário. O Espiritismo propõe um método baseado na razão, na verificação e na coerência. Kardec sempre defendeu o exame rigoroso das comunicações espirituais e a responsabilidade moral do divulgador. Utilizar a IA sem revisão equivale a publicar mensagens mediúnicas sem análise.

O resultado pode conter desvios e comprometer a credibilidade do texto, do autor e da própria Doutrina aos olhos dos mais desatentos. A revisão criteriosa é, portanto, uma exigência moral e intelectual, pois é o autor encarnado quem responde pelo conteúdo que assina e divulga.

Outro risco é a diluição conceitual. A IA tende a uniformizar expressões e simplificar significados, confundindo termos de valor específico dentro da Doutrina. Pode tratar caridade como sinônimo de assistencialismo, fé como crença cega, ou perispírito como corpo físico, comprometendo a clareza e a coerência doutrinária. A precisão terminológica é essencial à preservação do pensamento espírita e qualquer descuido nesse campo contribui para distorção doutrinária.

Há também implicações éticas e pedagógicas. O educador e o expositor espírita têm responsabilidade sobre o que ensinam. A produção de textos automáticos reduz o envolvimento do autor e o transforma em mero transmissor de frases bem compostas, mas sem a devida reflexão pessoal. A força da aula ou da palestra está no diálogo entre o conhecimento e a experiência de quem fala, algo que nenhuma máquina pode reproduzir. O ensino espírita tem consequências morais, não sendo apenas informativo, exigindo ponderação e autenticidade.

As instituições espíritas também enfrentam riscos. Revistas, boletins e sites que publicam textos gerados por IA sem revisão comprometem sua credibilidade e responsabilidade doutrinária. A pressa em produzir materiais não pode se sobrepor ao compromisso com a verdade e a coerência ao ensino dos Espíritos. Como advertiu Erasto, “mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma só falsidade”^[1]. O cuidado na divulgação é parte integrante da ética espírita.

A inteligência artificial, quando usada com discernimento, pode ser muito útil, mas deve permanecer como instrumento de apoio, e nunca como substituto do raciocínio. Produzir conteúdo espírita requer envolvimento moral e intelectual, pois se trata de transmitir valores e princípios que ultrapassam a linguagem.

O progresso técnico é legítimo e deve ser incorporado ao trabalho espírita com responsabilidade. Contudo, nenhuma ferramenta garante a coerência doutrinária. A tarefa do divulgador é compreender o que ensina, refletindo o ideal de Kardec de unir razão e moral, ciência e fé.

As máquinas não compreendem os valores que expressam nem assumem responsabilidade moral por eles. Cabe, portanto, aos trabalhadores espíritas revisar, corrigir e discernir o que divulgam.

Marco Milani

Nota do Autor:

[1] Ver O Livro dos Médiuns, capítulo XX, “Influência moral dos médiuns”.

Fonte: Blog Educador espírita

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Instruindo-se com a Revista Espírita

Abril de 1860
» Ditados espontâneos



O Espiritismo está convocado a esclarecer o mundo, mas necessita de um certo tempo para progredir. Existiu desde a Criação, mas só era reconhecido por algumas pessoas, porque, em geral, a massa pouco se ocupa em meditar sobre questões espíritas. Hoje, com o auxílio desta pura doutrina, haverá uma luz nova. Deus, que não quer deixar a criatura na ignorância, permite que os Espíritos mais elevados nos venham em auxílio, para contrabalançarem o Espírito das trevas, que tenta envolver o mundo. O orgulho humano obscurece a razão e a faz cometer muitos erros. São necessários Espíritos simples e dóceis, para difundirem a luz e atenuarem todos os males. Coragem! Persisti nesta obra, que é agradável a Deus, porque ela é útil para a sua maior glória, e dela resultarão grandes bens para a salvação das almas.

Ciência e Espiritismo



O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

INSTINTO: INTELIGÊNCIA DE ORIGEM DIVINA NA MATÉRIA

Resumo:

A palavra magnetismo tem significado muito bem definido pela Ciência atual. Na época de Kardec, entretanto, era utilizada para descrever tanto as forças atrativas e repulsivas entre alguns materiais minerais, quanto os efeitos da aplicação de passes e imposições de mãos em terapias propostas por Mesmer. Embora esta última, que ficou conhecida como magnetismo animal, não tenha conseguido se firmar na Ciência oficial, a utilização do termo magnetismo predominou em nosso movimento espírita, em detrimento, muitas vezes, do uso dos próprios termos espíritas.

Apresentamos aqui uma reflexão a respeito da validade científica do uso do termo magnetismo na descrição de alguns fenômenos espíritas. Vamos mostrar que mesmo Kardec tendo apoiado a então crescente ciência do magnetismo animal, ele descobriu que além de não explicar todos os fenômenos de cura, o termo magnetismo era impróprio para descrição do fenômeno. A prática do passe espírita não muda, pois ela não depende em si da escolha dos termos que as explicam. A fé raciocinada pede compreensão do significado dessas práticas de uma forma coerente tanto com o espiritismo quanto com a atualidade do conhecimento científico do mundo. Se, de um lado, o termo magnetismo não pode mais explicar ou descrever essa fenomenologia espírita, é necessário reconhecer, de outro, a excelência do Espiritismo em apresentar um corpo teórico capaz de fornecer tal explicação.

Marise Simões e Alexandre Fontes da Fonseca

Leia na íntegra aqui:

<https://drive.google.com/file/d/1z8NYO0AtTmlgwXgMvBzdEn9NXSdcbMGv/view>

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Aprofundando o Conhecimento das Leis Divinas

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos. Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

Vivendo as Leis Morais: Conhecimento e Transformação

As Leis Morais e a Verdadeira Felicidade

Allan Kardec, ao estruturar O Livro dos Espíritos, dedica sua terceira parte inteiramente às Leis Morais — fundamento da Doutrina Espírita que estabelece a conexão profunda entre o cumprimento das Leis Divinas e a verdadeira felicidade humana.

O Espiritismo, enquanto Filosofia e ciência do espírito, revela que nossa alegria perene não depende de circunstâncias externas, mas sim do alinhamento da nossa forma de viver com as Leis Divinas.

O Conceito de Lei Natural na Doutrina Espírita

Na **questão 614 de O Livro dos Espíritos**, Kardec indaga aos Espíritos superiores: **“Que se deve entender por lei natural?”** A resposta é direta e transformadora: **“A lei natural é a lei de Deus”**. Esta definição possui implicações profundas para o entendimento da Filosofia Espírita através das obras de Allan Kardec.

Se a Lei Natural é a Lei Divina, ela carrega em si características do próprio Criador: é eterna e imutável. Sendo Deus a inteligência suprema — conceito desenvolvido no **Livro I de O Livro dos Espíritos** ao tratar das Causas Primárias — aquilo que ele estabeleceu representa a máxima perfeição. O perfeito não pode ser aprimorado, pois qualquer alteração indicaria que não era perfeito desde o princípio.

Esta compreensão traz uma certeza libertadora: quando alcançamos o verdadeiro conhecimento de uma Lei Natural, esse conhecimento permanece conosco para sempre. Não se trata de uma verdade relativa ou temporária, mas de um saber definitivo que atravessa encarnações e constitui patrimônio imortal do Espírito em sua jornada evolutiva.

As Leis Morais apresentadas por Kardec — dez ao todo, começando pela Lei de Adoração e culminando na Lei de Justiça, Amor e Caridade — sintetizam toda a moral espírita e representam uma explicação detalhada e profunda do pensamento moral do Cristo. Não por acaso, os próprios Espíritos indicam, na **questão 648**, que essa divisão remonta aos Dez Mandamentos de Moisés, evidenciando a continuidade e o aprofundamento progressivo da revelação divina.

O conhecimento dessas leis, porém, não deve servir apenas ao deleite intelectual. Embora as obras de Kardec sejam ricas, belas e profundas do ponto de vista filosófico, o verdadeiro espírita é reconhecido por sua transformação moral. O conhecimento é ferramenta de transformação, e o processo completo envolve três etapas: conhecer pela razão, decidir pela vontade e agir pelo cumprimento da lei. Este é o caminho que conduz à felicidade verdadeira.

A Única Verdade para a Felicidade do Homem

Os Espíritos são categóricos na **questão 614**: a Lei Natural é “a única verdadeira para a felicidade do homem”. Não existe outro caminho — esta afirmação deve nos fazer refletir profundamente sobre onde estamos investindo nossa energia e atenção. Mas de que felicidade estamos falando? Não se trata da alegria transitória de um momento agradável com a família, do prazer de uma boa refeição ou da satisfação temporária da saúde corporal.

Embora essas alegrias sejam legítimas e possam até decorrer do cumprimento das Leis Divinas, a verdadeira felicidade vai infinitamente além.

O corpo físico, por mais que cuidemos dele, é uma ferramenta temporária que inevitavelmente se desgasta.

Pense nisso: trabalhamos 60 anos para garantir 15 anos de tranquilidade na velhice, mas como garantir séculos de paz e alegria após o desencarne? A resposta está no conceito espírita de felicidade: uma paz interior de quem tem a consciência tranquila por ter vivido conforme a Lei de Deus. Uma alegria perene, um estado de contentamento constante e firme que nada pode tirar — este estado depende única e exclusivamente do cumprimento das Leis Morais.

O Testemunho dos Espíritos: Evidência e Não Teoria

A Doutrina Espírita não se baseia em especulações filosóficas ou imaginação teológica. Desde Platão, filósofos imaginaram o Tártaro; religiões tradicionais criaram imagens de céus paradisíacos e infernos com fornalhas incandescentes — mas tudo isso era fruto da imaginação humana, não da observação.

Na segunda parte de *O Céu e o Inferno*, Kardec apresenta comunicações mediúnicas organizadas por categorias, revelando o estado real dos Espíritos conforme viveram na Terra. Ali está a prova experimental da tese espírita: os felizes são aqueles que cumpriram as Leis Divinas; os sofredores são os que as violaram conscientemente.

Essa classificação não é arbitrária ou punitiva — é consequência natural do funcionamento das Leis Naturais. Assim como quem desrespeita as leis físicas sofre consequências físicas, quem desrespeita as Leis Morais experimenta punição pelo desvio dessa lei. Não há juiz externo condenando, mas sim a própria consciência do Espírito confrontando-se com suas escolhas e suas consequências.

A maioria de nós se encontra na categoria dos medianos — nem totalmente entregues ao bem, nem completamente endurecidos no mal. Oscilamos entre bons propósitos e imperfeições, entre generosidade e egoísmo, entre paciência e irritação. E é justamente para essa maioria que o estudo sério da Doutrina Espírita se torna fundamental: ele nos oferece conhecimento objetivo sobre como progredir moralmente, como exercer nosso Livre-Arbítrio com sabedoria e como construir, dia após dia, essa consciência tranquila que garante a felicidade duradoura.

O estudo das **Leis Morais** apresentadas na terceira parte de **O Livro dos Espíritos** não é um fim em si mesmo — é meio de transformação. **As dez leis (Adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade, e Justiça-Amor-Caridade)** formam um sistema completo que abrange todas as dimensões da experiência humana para com Deus, para com seu semelhante e para consigo mesmo.

Conhecer essas leis significa saber o caminho da felicidade do Espírito, quais são os princípios que regem as relações entre os Espíritos e como nossas escolhas presentes determinam nosso futuro. Mas esse conhecimento só se completa quando se torna prática — quando a vontade decide agir em conformidade com o que a razão compreendeu.

A ciência Espírita mostra que o Princípio Inteligente evolui continuamente, e que essa evolução ocorre tanto no plano intelectual quanto no moral. Mais importante que acumular conhecimentos é transformar a natureza íntima, substituindo gradualmente as más paixões pelas virtudes. O orgulho pela humildade, a revolta pela resignação consciente.

Este é o trabalho de séculos, desenvolvido através de múltiplas Reencarnações. Mas cada pequeno avanço conquistado hoje representa um patrimônio imortal, uma conquista que ninguém pode nos tirar e que levamos conosco para além da vida material.

Vivendo as Leis Morais: Conhecimento e Transformação

O estudo das Leis Morais apresentadas na terceira parte de O Livro dos Espíritos não é um fim em si mesmo — é meio de transformação. As dez leis (Adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade, e Justiça-Amor-Caridade) formam um sistema completo que abrange todas as dimensões da experiência humana para com Deus, para com seu semelhante e para consigo mesmo.

Conhecer essas leis significa saber o caminho da felicidade do Espírito, quais são os princípios que regem as relações entre os Espíritos e como nossas escolhas presentes determinam nosso futuro. Mas esse conhecimento só se completa quando se torna prática — quando a vontade decide agir em conformidade com o que a razão compreendeu.

A ciência Espírita mostra que o Princípio Inteligente evolui continuamente, e que essa evolução ocorre tanto no plano intelectual quanto no moral. Mais importante que acumular conhecimentos é transformar a natureza íntima, substituindo gradualmente as más paixões pelas virtudes. O orgulho pela humildade, a revolta pela resignação consciente.

Este é o trabalho de séculos, desenvolvido através de múltiplas Reencarnações. Mas cada pequeno avanço conquistado hoje representa um patrimônio imortal, uma conquista que ninguém pode nos tirar e que levamos conosco para além da vida material.

Mudar para ser feliz na imortalidade.

Se trabalhamos décadas para garantir alguns anos de conforto material na 3ª idade, quanto mais deveríamos investir na preparação para a vida eterna que nos aguarda?

A Doutrina Espírita nos oferece o mapa desse movimento de progresso: o cumprimento consciente das Leis Morais trazidas por Allan Kardec e pelos Espíritos na obra O Livro dos Espíritos.

A verdadeira felicidade não é privilégio de alguns eleitos ou resultado de circunstâncias favoráveis — é consequência natural e acessível a todos que se dispõem a conhecer e praticar as Leis Divinas. É a paz interior de quem vive em harmonia com as Leis Naturais, a alegria perene de quem pode olhar para sua consciência sem medo ou remorso.

Que este estudo nos inspire a aprofundar nosso conhecimento das obras de Kardec e, principalmente, a transformar esse conhecimento em ação. Porque, como nos ensinam os Espíritos superiores, não há outro caminho para a felicidade verdadeira senão este: **Conhecer, querer e cumprir a Lei de Deus.**

Fonte: institutoallankardec.com

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Fundamentais em Foco

O estudo das obras fundamentais do Espiritismo possibilita ampliar a visão e o entendimento, a reflexão e a prática, sobretudo o que nos sensibiliza as percepções, dilatando gradativamente a nossa capacidade de compreensão, a zona lúcida, conforme expressão do estudioso francês Paul Gibier.

O Livro dos Médiuns

Por que a fascinação pode ser tão danosa ao indivíduo?

Já dissemos que muito mais graves são as consequências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Fonte: *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, item 239.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Se você está sentindo necessidade de receber um passe e não pode ir à casa espírita, acesse nosso Passe Virtual:

<https://www.youtube.com/watch?v=HS5079meNRQ>



Fala, Irmão José

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDM, ensina-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

Na Seara

Não te aborreças se, em teu grupo de trabalho, te sentes servindo sob o comando de alguém, que ainda não aprendeu a pedir sem mandar. Exercita a humildade e não percas a oportunidade de ser útil sem que teu nome necessite estar em evidência. Sobre os ombros dos que lideram, pesa a dupla responsabilidade das coisas que ordenam e das consequências das coisas que são feitas. A colheita é pertinente a quem lhe efetue o plantio e não tanto a quem lhe patrocine o empreendimento. Na seara do Evangelho, não há título maior que o de servidor. E quem se encontra a serviço de Deus certamente não está a serviço dos homens.

Fonte: Livro Dias Melhores

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Espaço Chico Xavier

Chico Xavier foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

Receita para melhorar

Em julho de 1948, o nosso confrade Jacques Aboad, de passagem por Pedro Leopoldo, conversava, ao lado de outros confrades, em companhia do Chico, sobre os trabalhos os trabalhos de aperfeiçoamento da alma. A conversação deu lugar à prece em conjunto.

E, manifestando-se, pelo médium, José Grosso, dedicado e alegre companheiro desencarnado, dedicou aos presentes os seguintes apontamentos:

Receita para melhorar

Dez gramas de juízo na cabeça.

Serenidade na mente.

Equilíbrio nos raciocínios.

Elevação nos sentimentos.

Pureza nos olhos.

Vigilância nos ouvidos.

Lubrificante na cerviz.

Interruptor na língua.

Amor no coração.

Serviço útil e incessante nos braços,

Simplicidade no estômago.

Boa direção nos pés.

Uso diário em temperatura de boa vontade.

José Grosso

Fonte: luzepaz.org

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Vale a Pena Ler!

As Paixões de Descartes a Kardec Cosme Massi

Uma ponte entre Descartes e Kardec. Ao acompanhar Descartes, aprendemos a precisão conceitual, a clareza da análise e o rigor do método. Ao ouvir Kardec, descobrimos a dimensão moral e evolutiva das paixões, entendidas como desafios do Espírito em sua caminhada rumo ao bem.

Entre ambos, há uma complementaridade que enriquece nossa visão: o filósofo mostra como pensar, fornecendo as ferramentas da razão e da análise, enquanto o mestre do Espiritismo convida a aplicar esse conhecimento na vida prática, no esforço de auto-superação, na educação dos sentimentos e na conquista da verdadeira virtude.

Um grande exercício de autoconhecimento. Cada página busca revelar não apenas o que as paixões são, mas como podem ser compreendidas, governadas e educadas. A filosofia cartesiana nos ajuda a compreender os mecanismos; a filosofia espírita nos aponta os caminhos da superação moral. Ao unir esses dois olhares, oferecemos ao leitor um itinerário para compreender-se a si mesmo, reconhecendo nas paixões não inimigas a serem extirpadas, mas forças naturais a serem educadas e orientadas.

Capítulo I. Sobre o conceito de paixões da alma em Descartes.

Capítulo II. Paixões em Descartes: natureza, enumeração e governo.

Capítulo III. A admiração e suas paixões derivadas.

Capítulo IV. As paixões derivadas da admiração nas obras de Kardec.

Capítulo V. Paixões que dependem do bem e do mal.

Capítulo VI. As paixões que dependem do bem e do mal na obra de Kardec.

Capítulo VII. O egoísmo.

Capítulo VIII. Amor da alma vs. amor-paixão.

Capítulo IX. As virtudes e os vícios: a convergência de Descartes e Kardec.

Capítulo X. O valor moral do saber e da riqueza.

Capítulo XI. As virtudes e os vícios: a indulgência diante dos defeitos alheios.

Capítulo XII. As virtudes e os vícios: sobre a revelação do mal.

Capítulo XIII. Virtude: caminho, meta.

Capítulo XIV. Virtude cristã-espírita: convite, obstáculos e o trabalho interior.



Cuidar da Mente Tarefa Urgente

Interrompe as telepatias deprimentes, sobrepondo a tua vontade e corrigindo a sintonia psíquica.

(Joanna de Ângelis)

Recentemente, tenho ouvido muitas palestras, entrevistas de personalidades influentes do meio espírita, alertas quanto ao cuidado que devemos ter com nossas mentes, colocando a depressão e o crescente número de suicídios, inclusive entre crianças e jovens, como fenômenos contemporâneos extremamente preocupantes.

A análise de causas possíveis para esse cenário conduz o pensamento para o aspecto da predominância do materialismo e conseqüente perda de sentido existencial, em nossa sociedade.

O materialismo e seu fruto mais perverso, o consumismo, movido pelas leis do mercado, acena para o ser humano desavisado com objetos e experiências que seriam portadores de felicidade. Os poucos que alcançam esses objetivos, assim como os que nunca alcançarão, terminam desiludidos e sozinhos, sem obter o bem-estar prometido.

Novas metas de felicidade são erguidas, uma após a outra, como um arco-íris colorido, mas inalcançável, que não dependem, para serem atingidos, apenas do esforço pessoal, da dedicação, ou do estudo e do trabalho, mas de atributos físicos, por exemplo, ou da capacidade de atrair a atenção, ainda que para ideias frívolas, grotescas, viciosas, portadoras do tão desejado sucesso.

Metas medidas pelo número de “likes” em suas publicações.

O bom senso nos demonstra que o assim chamado sucesso é para poucos e ainda esses, após um breve período de brilho sob os holofotes, veem-se no escuro da solidão, ignorados pelos que os festejavam.

Os infelizes, solitários, equivocados de todas as classes sociais, uma vez adoecidos, são descartados, mantidos à margem, invisíveis.

Sob a luz da Doutrina Espirita, a inevitável telepatia entre mentes encarnadas e desencarnadas, revela um outro aspecto, esse positivo, desse cenário: o poder da escolha e da atuação salutar em nossa própria vida e na coletividade na qual nos achamos inseridos.

A realidade dos intercâmbios entre encarnados e desencarnados precisa deixar de ocorrer nos subterrâneos da mente e, trazidos para a luz da consciência, serem analisados, acolhidos, se bons, e descartados, desconectados, se percebidos adoecidos.

Não vivemos e não pensamos sozinhos. Vivemos em rede. Isso, hoje, não é mais uma questão metafísica. É algo experimentado por qualquer um que use um celular e use redes sociais.

Saber que nossos pensamentos podem estar sendo influenciados por inteligências desencarnadas, longe de nos aterrorizar, nos traz a consciência de que, através da vigilância e do protagonismo de nossa vida interior podemos detectar e abandonar ideários pessimistas, assustadores, equivocados e, colocando nossa vontade em ação, sintonizar faixas mentais da espiritualidade superior que nos descortina os objetivos superiores da vida.

São tantos os recursos e ferramentas a nossa disposição: a prece, a leitura, a conversação saudável, a contemplação da natureza e, acima de tudo, a distribuição de palavras, gestos, expressões do Amor Maior.

Toda essa abundância de fontes verdadeiras de saúde e bem-estar permanecerá subutilizada, se não recorrermos a elas para o reequilíbrio e mudança de sintonia.

Estejamos alerta para os primeiros sinais de incômodo psíquico que denuncie a contaminação de nossos pensamentos por ideias destrutivas. Vigiemos nossa casa mental. Protejamos o meio ambiente no qual efetivamente vivemos e que sofre, com frequência, as incursões do pessimismo, o assédio dos objetivos de felicidade falsos e vazios de sentido, a rudeza e brutalidade das imagens criadas e consumidas que nos chegam em regime de tempo integral.

Abrir janelas, renovar o ar, praticar exercícios físicos melhora a saúde do corpo. Analogamente, abrir janelas mentais para respirar uma psicofera mais pura renovará nossa própria psicofera e os exercícios mentais, assim como as disciplinas espirituais, treinarão a mente no processo de assenhorear-se de si mesma e de selecionar o que entra e o que não entra em nosso ambiente mental.

Nunca foi tão urgente nos assenhorearmos de nós mesmos.

Protagonizemos, pois, nossa vida mental!

Fonte: Revista CELD de Estudos Espíritas

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Minha Religião é o Pensamento

Disse Einstein *"Tudo é pensamento"*, para os espíritas essa é uma verdade. Tudo começa pelo pensamento. O feio e o belo, o bem o mal, tudo começa na mente. Todas as criações humanas começam no campo das ideias. No plano físico, cidades, nações, leis, o que vestimos, comemos, bebemos, assistimos, consumimos, começam das ideias. No plano espiritual é igual, tudo que encontramos é resultado da mentalização de Espíritos.

Na questão 89 do Livro dos Espíritos, Kardec pergunta; *"O pensamento não é a própria alma que se transporta?"* E os amigos da espiritualidade respondem; *"Quando o pensamento está em alguma parte a alma também está aí, visto que é a alma quem pensa. O PENSAMENTO É UM ATRIBUTO"*.

Descartes estava correto quando disse "Penso, logo existo" pois o pensamento é um atributo do Espírito.

O pensamento tem consequências físicas e espirituais, através dos nossos pensamentos nos colocamos em contato com o mundo espiritual, logo se você pensa de maneira feliz atrairá o concurso daqueles que se ocupam disso e vice-versa; toda troca começa por aí. Pensar é criar e o pensamento produz emanações energéticas. Além da vida, essas emanações nos acompanham. Se mantemos aqui pensamentos desordenados e destrutivos, ao desencarnar nos deparamos com o caos criado pela nossa mente. Joanna de Ângelis diz no livro "Vida feliz":

“O homem pode ser considerado o pensamento que exterioriza, fomenta e nutre. Conforme sua paisagem mental, a existência física será plasmada, face ao vigor da energia direcionada. O pensamento é a manifestação do anseio espiritual do ser, não uma elaboração cerebral do corpo. Sendo o espírito o agente da vida, nos intrincados painéis da sua mente se originam as ideias que se manifestam através dos impulsos cerebrais, cujos sensores captam a onda pensante e a transformam, dando-lhe a expressão e forma que revestem o conteúdo de que se faz portadora.”

Jesus durante toda sua passagem pelo planeta Terra, ensinou a forma de mudarmos nossa maneira equivocada de pensar e logo de falar e agir, afinal, nossas ações são a exteriorização dos nossos pensamentos.

“Vigiai e Orai”

Fonte: <https://descortinandooveudailusao.wordpress.com/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Rumi e o Poder do Silêncio

A escrita de Rumi para muitos é o equilíbrio perfeito entre o amor e o espiritual.

Jalal ud-Din-Rumi foi um poeta, teólogo e mestre espiritual persa que passou sua vida em Anatólia (hoje Turquia).

Ele era um adepto do sufismo, prática que consiste em cultivar uma relação direta e contínua com Deus, por meio de cânticos, músicas, orações e jejuns. Ele acreditava que a música e dança libertavam o homem da dor, assim, fundou a primeira escola dos dervixes rodopiantes. Nessa dança, os dervixes deixam a mão direita para cima e a esquerda para baixo, indicando que eles pegam de Deus e oferecem aos homens. A roupa também possui simbolismos: a saia branca e o chapéu representam a morte do ego. Objeto do qual também aparece muito em suas poesias.

Sua escrita é cheia de importantes lições. Não tem como não ler e imaginar o quanto de sabedoria Rumi possuía. Eu particularmente vejo-o como um sábio e trocaria a eternidade por um momento de seus aprendizados.

Em vários poemas e lições Rumi fala do encontro com Deus e o autoconhecimento através do silêncio. Hoje várias escolas filosóficas e espirituais pregam a importância do silenciar da mente. A meditação é questão de saúde e poderíamos falar extensamente sobre o assunto.

No espiritismo o autoconhecimento é a porta de entrada para a reforma íntima, aonde mais encontrar-se consigo mesmo senão silenciando os barulhos externos, ouvindo seus próprios pensamentos e sentimentos, se autoconhecendo e modificando aquilo que é necessário? Além disso, esse processo é extremamente importante para que a espiritualidade maior te acesse e vice-versa.

Todo médium que se preza precisa meditar.

Existem outras religiões que tem a prática como importante elo com o Criador. De fato quando se medita entramos num universo vasto, encontramos algo valioso que nomeamos “paz interior” por falta de palavras que expressem melhor o regozijo do sentimento.

Abaixo, algumas frases de Rumi sobre esse magnífico meio de encontrar Deus.

Mantenha-se em silêncio porque o mundo do silêncio é uma vasta plenitude.

Permita que o silêncio leve você até o centro da vida.

O silêncio é a linguagem de Deus, todo o resto é má tradução.

A inspiração que você procura já está dentro de você. Fique em silêncio e escute.

Que o silêncio seja meu escudo, e meu coração ouça a voz de Deus.

A alma recebeu seus próprios ouvidos para ouvir coisas que a mente não entende.

Eu tenho sido sempre um buscador e ainda sou, mas parei de perguntar aos livros e às estrelas. Eu comecei a ouvir o ensinamento da minha própria Alma.

Deixe o silêncio ser a arte que você pratica.

Há uma voz que não usa palavras, ouça.

No silêncio há eloquência.

A alma abre seus ouvidos para ouvir coisas que a mente não entende.

Deixe de lado a sua mente, e então fique atento. Tape os ouvidos e ouça.

Pare, abra-se, entregue-se ao silêncio. Fique nele, até você perceber que está olhando para a luz com olhos infinitos.

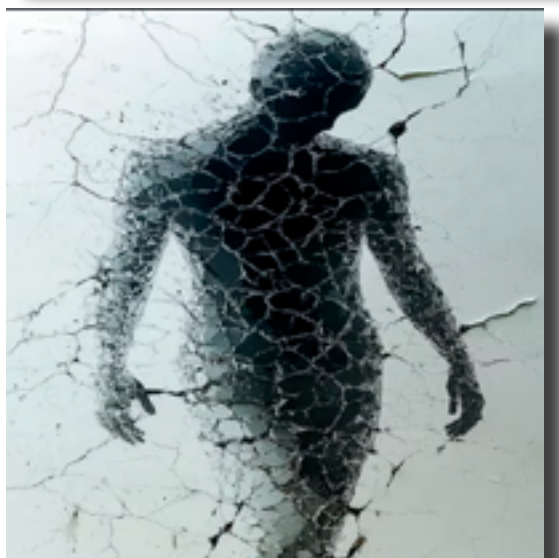
Sente-se em silêncio e aguarde por uma voz que dirá: “Seja mais silencioso”. No momento em que isso acontecer, a sua alma começará a reviver.

Agora fique em silêncio. Deixe Aquele que cria as palavras falar. Ele fez a porta. Ele fez a fechadura. Ele também fez a chave.

No silêncio do amor, você encontrará a centelha da vida.

Fonte: <https://descortinandooveudailusao.wordpress.com/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Reformar ou transformar? Reforma íntima ou transformação espiritual?

O conjunto de elementos que impregnam o conceito de “reforma íntima” repete muitos chavões de culturas e abordagens não espíritas, pertencentes a ideologias religiosas em que há a “obrigação” de seguir certas prescrições, sob pena de... É a cultura do temor, do medo e da culpa.

Alguns conceitos são entronizados e se enraízam de tal modo em Filosofias que é difícil, depois, retirá-los ou entendê-los na sua real essência. No caso do Espiritismo, eles surgem a partir de alguma declaração – seja de um encarnado, médium ou dirigente, seja de um desencarnado – e vão ficando, ficando... Passam a ser retórica tradicional e, não raro, viram “figurinha fácil” no álbum das condutas humanas.

Falemos, pois, de uma delas: a decantada reforma íntima. Onde surgiu? Quem foi o primeiro a mencionar? Em que contexto foi dito? Qual era o alcance? Que objetivos se tinha? Qual a relação deste conceito com o Espiritismo?

Perguntas... Faltam respostas. Lógicas. Mas há cogitações e ponderações para entender o porquê desta cristalização de um conceito, aparentemente díspar e dissociado da real proposta espiritista.

O que é reformar? Valemo-nos do léxico, do vocabulário contido nos vários dicionários de língua portuguesa, facilmente encontrados na internet, dos quais compilamos: “dar melhor forma a; corrigir; emendar” ou “reconstituir a antiga forma de; reconstruir”. Reforma, por sua vez, o substantivo que deriva do verbo (ação) originário, é “ação ou efeito de reformar”; “mudança introduzida em algo para fins de aprimoramento e obtenção de melhores resultados”.

E o que é reforma íntima? Não vamos encontrar essa locução, essa expressão conjugada, nos dicionários do vernáculo. Ela é uma construção filosófico-religiosa e está comumente presente em textos tidos como espíritas. Seu significado? Em um dos muitos sites espíritas, encontramos: “processo contínuo de autoconhecimento da nossa intimidade espiritual, modelando-nos progressivamente na vivência evangélica, em todos os sentidos da nossa existência. É a transformação do homem velho, carregado de tendências e erros seculares, no homem novo, atuante” (nossos os destaques, tendo como fonte o site KardecRioPreto.com.br).

Vale dizer, ainda, que essa locução (reforma íntima) não se acha grafada em nenhuma das obras assinadas por Kardec. O único trecho, em todo o conjunto espírita em que há referência ao termo “reforma”, no sentido que se tenta atribuir ao mesmo, com a composição “reforma íntima”, acha-se contido na dissertação inserta na Revue Spirite, de julho de 1866, sob o título “Do projeto de caixa geral de socorro e outras instituições para os espíritas”, em que Rivail analisa uma dissertação assinada pelo Espírito Marie G:

“O Espiritismo é uma crença filosófica, e basta simpatizar com os princípios fundamentais da doutrina para ser espírita. [...]

Entre os espíritas reais, aqueles que constituem o verdadeiro corpo dos adeptos, há certas distinções a fazer. Na primeira linha há que colocar os adeptos de coração, animados de fé sincera, que compreendem o objetivo e o alcance da doutrina e aceitam todas as consequências para si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem segundas intenções; os interesses da causa, que são os da Humanidade, são sagrados para eles, e eles jamais os sacrificarão a uma questão de amor-próprio ou de interesse pessoal. Para eles, o lado moral não é uma simples teoria; eles esforçam-se por pregar pelo exemplo; não só têm a coragem de sua opinião, mas consideram-na uma glória, e, conforme a necessidade, sabem pagar com sua pessoa.

Vêm a seguir os que aceitam a ideia como filosofia, porque ela lhes satisfaz a visão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreenderem as obrigações que a doutrina impõe aos que a adotam. **O homem velho está sempre ali, e a reforma de si mesmo lhes parece tarefa muito pesada.** Mas como não estão menos firmemente convencidos, entre eles encontram-se propagadores e zelosos defensores.

[...] O Espiritismo não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade, e se a gente pode admirar-se de uma coisa, é do número de reformas que ele já operou em tão pouco tempo. Ao passo que nuns, onde encontra o terreno preparado, ele entra, por assim dizer, de uma vez, noutros só penetra gota a gota, conforme a resistência que encontra no caráter e nos hábitos.

[...] As ideias espíritas devem, infalivelmente, apressar a reforma de todos os abusos, porque, melhor que outras, elas penetram os homens com o sentimento do dever; por toda parte onde elas penetrarem, os abusos cairão e o progresso se efetivará. [...] A julgar o futuro pelo presente, podemos afirmar que o Espiritismo terá levado à reforma de muitas coisas muito antes que os espíritas tenham podido acabar o primeiro estabelecimento do gênero desse de que falamos, se algum dia o empreendessem, mesmo que todos tivessem que dar um cêntimo por semana”.

Deste modo, como se viu, antes, Kardec fala da “reforma de si mesmo” dirigida aos adeptos espiritistas que se maravilham ante os conceitos, mas ainda não conseguem efetivar a transformação pessoal, permanecendo no quadrante de “homem velho”, impedindo o novo, o que vem depois, o que se transforma, de atuar e influir, preponderando. E é ele, o Espiritismo, segundo estatui o Codificador, o responsável pelas reformas (sociais) a partir de suas ideias, influenciando decisivamente no progresso da Humanidade.

Contudo, por ser majoritariamente religioso, em nosso país, o Espiritismo apresenta uma carga emocional bastante definida e notória que o faz assumir roteiros, rotinas e (até) rituais correlacionados a movimentos que se vinculam a igrejas ou seitas. Tem-se, assim, uma legião de crentes (ou fiéis) que se reúnem em torno da filosofia e que frequentam instituições que se parecem com ambientes religiosos. Vale dizer que religião é bem diferente de religiosidade, pois esta é um sentimento inerente a cada ser, e está associado às suas convicções íntimas – o que, para a Doutrina Espírita, alcança tempos imemoriais que vão sedimentando a chamada “bagagem” encarnatória de cada individualidade. Em suma, o conjunto de experiências e a forma (o mais racional possível) de entendimento acerca das questões transcendentais ou espirituais. E a religiosidade é um componente extremamente salutar na caminhada espiritual de todos nós!

Vê-se, assim, que no texto acima transcrito, a questão religiosa é ponto fundamental (“vivência evangélica”) tomando-se por “evangelho” o conjunto de feitos e ditos atribuídos a Jesus de Nazaré, a partir do registro daqueles que se dispuseram a contar um pouco do que ouviam a respeito daquele homem, já que nenhum deles conviveu diretamente e na mesma época do Rabi. E, neste particular, ainda, convém lembrar que, de uma infinidade de evangelhos escritos, foram reconhecidos (pela Igreja) como “aceitos e válidos”, apenas os canônicos, em número de quatro, como se sabe, permanecendo todos os demais no ostracismo ou na marginalidade, ainda que, nos dias atuais, se busque resgatar informações neles contidas, para permitir a ampliação do entendimento e do espectro do sublime personagem.

Para os mais próximos, em cenários materiais (instituições espíritas) e virtuais (grupos de conversação e debate na internet) costumo dizer que não aprecio a expressão “reforma íntima” porque, para mim, reformar pressupõe destruir o que havia antes.

Tomemos um pequeno exemplo. Um determinado proprietário de um imóvel deseja reformá-lo. Pode ser uma casa, uma loja, um edifício. A edificação tem um formato, uma estrutura, uma aparência exterior, uma subdivisão interna. E há a vontade manifesta de alterar esses elementos. Passa-se, então, a substituir janelas e portas, derrubar paredes, extrair o piso, trocar o telhado etc. Muita destruição por toda a parte, para receber uma “nova forma”. Destrói-se, aniquila-se, extingue-se o “velho” para dar lugar ao “novo”.

Em termos espirituais não há “destruição” do ser. Ele permanece íntegro. Ele é. Ele tem e mantém sua própria essência fundamental – a condição de **SER ESPÍRITO**, imortal. Nas idas e vindas, no conjunto das experiências, ele não “se destrói”, nem “é destruído”. Mas, modificado, transformado, ampliado (em sua consciência). Ele progride. E o faz a partir da **TRANSFORMAÇÃO** (espiritual).

Poderia ser uma “mera” questão de semântica. Mas não é. O conjunto de elementos que impregnam o conceito de “reforma íntima” repete muitos chavões de culturas e abordagens não espíritas, pertencentes a ideologias religiosas em que há a “obrigação” de seguir certas prescrições, sob pena de... É a cultura do temor, do medo e da culpa. É como se se dissesse: “*reformem-se, senão...*”. “Sua situação ficará muito pior se você não se reformar”. E por aí vai...

Consigno a proposta espírita como um ato de transformação, genuíno, racional, espiritual, transcendente. O ser se transforma **PORQUE QUER**, porque **MERECE** e **PODE BUSCAR** uma condição melhor, porque **TRABALHA** por superar-se (“*reconhece-se o verdadeiro espírita pelos esforços que faz em domar suas más inclinações*”, na transcrição do conceito lato sensu de espíritas, também egresso da obra kardeciana). Não é bem melhor ter em mente que a transformação é um processo natural do que forjar uma reforma que, em muitas situações, soa apenas no âmbito da aparência? Reflitamos...

Fonte: Revista Eletrônica “O Consolador”, edição n. 568.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Quantas vezes seremos constrangidos a pisar sobre espinheiros da calúnia? Quantas vezes transitaremos pelo trilho escabroso da incompreensão? Quantos aguaceiros de lágrimas nos alcançarão o espírito? Quantas nuvens estarão interpostas, entre o nosso pensamento e o Céu, em largos trechos da senda? Insolúvel a resposta. Importa, contudo, marchar sempre, no caminho interior da própria redenção, sem esmorecimento.

Emmanuel e André Luiz do Livro Momento de Reflexão

FORA DA CAIXA



No Espiritismo, a evolução é a lei fundamental da vida. Ela se dá através de duas vertentes complementares: a intelectual (ciência, arte, tecnologia) e a moral (virtudes, amor, empatia). Segundo Allan Kardec, o progresso intelectual engendra o moral, mas eles raramente caminham juntos no mesmo ritmo. Nesse espaço do IDEM, publicamos artigos

fora do contexto espírita mas que acrescentam conteúdo para nossa bagagem intelectual, afinal, nem só de religiosidade vive o homem, caso contrário essa religiosidade torna-se fanatismo.

Alfredo Volpi: Biografia e obras fundamentais

Alfredo Volpi (Lucca, 14 de abril de 1896 — São Paulo, 28 de maio de 1988) Um dos artistas modernos brasileiros com o legado mais consagrado e complexo, Alfredo Volpi começou sua carreira pintando paisagens, marinhas e personagens que, ao longo dos anos, foram se transformando em composições estilizadas e geometrizadas presentes no imaginário nacional e internacional até hoje.

Volpi nunca se filiou a escolas, apesar de ter tido influências do movimento concretista – sua trajetória, porém, era individual e chegava ao limiar da abstração.

Seus quadros mais conhecidos, as “fachadas”, são desta época, que começa nos anos 40. Sua primeira pintura de cavalete data de 1914, mas foi na década de 1930, quando começa a participar do Grupo Santa Helena, que desponta no cenário artístico paulistano. As obras de Volpi se caracterizam pela mescla entre cultura popular e arte erudita, pela criação de um vocabulário formal geométrico, e pelas cores iluminadas - preparadas artesanalmente pelo artista. A prática artesanal era, para Volpi, uma resistência à automatização e impessoalidade ao mesmo tempo em que afirmava sua trajetória original e isolada. Os principais temas representados nas suas obras eram bandeiras, fachadas e mastros, que eram mesclados por efeitos cinéticos e óticos.

Volpi deixou como legado uma série de pinturas de vários estilos com um colorido especial - não por acaso ele ficou conhecido como o "mestre das bandeirinhas".

Eclético e experimental, seu trabalho passou por diversas fases, relembre agora algumas delas.



Bandeiras, 1960



As Comadres, 1940



Bandeira do Brasil,



Fachada, 1970



A SEREIA, 1960

Fonte: Compilação de pesquisa

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Poesia em Verso Prosa e Melodia

Poema:

Para ser grande sê inteiro, de
Ricardo Reis (Fernando Pessoa)

Os versos de Para ser grande sê inteiro foram criados pelo heterônimo Ricardo Reis (do poeta português Fernando Pessoa) tendo sido publicados na revista Presença em fevereiro de 1933.

O poema ficou mundialmente conhecido por ser um elogio à autoaceitação, ao empoderamento e por ser um convite a aproveitar a vida na sua plenitude.

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive

Análise:

Os versos de Para ser grande sê inteiro nos convocam a encarar e aceitar aquilo que verdadeiramente somos na sua plenitude.

Depois de lermos o poema pessoano sentimo-nos impulsionados a nos dedicarmos ao máximo aquilo que fazemos, nos entregando de corpo e alma as atividades que propomos realizar, absorvendo tudo aquilo que pode é possível. O eu-lírico nos estimula a nos dedicarmos mesmo as pequenas atividades cotidianas que muitas vezes são negligenciadas.

Os versos anseiam a plenitude, demonstram um impulso para aproveitarmos o presente desfrutando cada momento como se fosse o último. Lemos a ambição por um estilo de vida carpe diem, de comunhão com o outro e de estímulo a viver o agora sem pensar tanto no amanhã.



Saúde e Bem-estar

Mais do que abandonar a ferramenta de aceleração dos vídeos, é importante se perguntar por que você está querendo apressar aquele conteúdo. Entenda.

Assistir a vídeos na velocidade acelerada afeta a saúde mental?

A ferramenta que permite acelerar conteúdos não é nova em plataformas de vídeos mais longos, como o YouTube. Agora, ela tem se popularizado também nas redes de vídeos curtos, como o TikTok. Lá, onde a maioria dos conteúdos virais duram cerca de 15 segundos, a aceleração vem se tornando um hábito entre os usuários. Esse comportamento se estende para tudo: nem mesmo áudios de amigos no WhatsApp escapam do 2x.

Como consequência, muitas pessoas relatam que já não conseguem mais prestar atenção em um filme, por exemplo, se ele não estiver em velocidade acelerada. Na vida real também: uma aula com duração de 50 minutos pode parecer tortura. A sensação tem fundamento. É que o consumo cada vez mais frequente de conteúdos na velocidade acelerada pode mesmo impactar a nossa concentração e saúde mental.

Acelerar para quê?

“A primeira pergunta que a gente precisa se fazer é: por que e para quê? A gente vive em um mundo que tem excesso de informação por todos os lados. E, muitas vezes, as pessoas buscam esse mecanismo já por conta de uma ansiedade de fundo, né? Uma necessidade, como o próprio nome diz, de acelerar aquilo para poder consumir mais rápido e ir fazer alguma outra coisa”, explica Emerson Marques, psicólogo da UBS Jardim Eledy, gerenciada pelo CEJAM – Centro de Estudos e Pesquisas Dr. João Amorim, em parceria com a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo.

Ou seja, por um lado, a ferramenta traz vantagens: é possível otimizar o tempo e desfrutar de mais conteúdos. Por outro, estimula o mecanismo ansioso e pode provocar crenças disfuncionais que geram desmotivação, como a dificuldade de se concentrar em outros tipos de atividades.

“As pessoas têm perdido interesse por atividades rotineiras. Por exemplo, tomar um café com um amigo, estar numa roda de conversa ou qualquer coisa que envolva estar entregue, com total atenção. Justamente porque a gente tem a rede social que traz isso: essa alta demanda, velocidade e muito conteúdo. Atividades que vão para um outro lado acabam se tornando desinteressantes”, ilustra o psicólogo.

Pior para quem já é ansioso

Em quem tem algum transtorno de ansiedade, o uso frequente da ferramenta pode reforçar o quadro. Nesses casos, já é difícil frear o fluxo de pensamentos intensos, bem como as crenças negativas sobre si mesmo. Ao utilizar um mecanismo que acelera ainda mais o que ela está sendo assistido, os sintomas podem se agravar.

Por causa dessa desorganização do pensamento, a pessoa tende a não conseguir absorver o conteúdo que acabou de assistir. Quando isso acontece, podem surgir outros sentimentos negativos, como “eu sou incompetente”, “eu nunca consigo entender as coisas direito”, “os outros são mais inteligentes do que eu”.

“Essas crenças podem acabar influenciando na questão da autoestima, da motivação, da capacidade de aprendizado. Muitas vezes, é onde eu acabo tendo prejuízos naquela esfera como um todo. Não só naquela aula, mas em outros momentos, me desmotivando com aquela matéria ou aquele conteúdo que eu gostava”, afirma Emerson.

TDAH e a questão do hiperfoco

Acontece parecido com quem tem TDAH. É um erro pensar que pessoas com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade não conseguem se concentrar em absolutamente nada. Na verdade, elas desenvolvem o hiperfoco: um estado de concentração intensa por um conjunto de estímulos específico. Elas não só finalizam o que estão fazendo, como se focam completamente naquilo. No entanto, esse fenômeno é disfuncional, pois geralmente vem acompanhado de nervosismo, autocoerção e inflexibilidade.

Portanto, ao estimular uma atenção mais direcionada, o consumo de conteúdos com velocidade acelerada pode parecer atraente para uma pessoa com TDAH. Mas ele só tende a funcionar quando o assunto desperta seu interesse.

“Se eu estiver, por exemplo, em uma palestra ou uma aula em que eu não tenho a opção de acelerar o professor ou daquilo ser feito de uma forma mais rápida, eu provavelmente vou flutuar no pensamento. Vou ter muito mais dificuldade de conseguir me atentar, de conseguir entender aquilo que está sendo tratado”, exemplifica o psicólogo.

Como desacelerar?

Para o especialista, o problema não está em utilizar a ferramenta de aceleração. Para pessoas que não têm problemas psicológicos, o conteúdo em uma velocidade mais alta pode estimular a cognição e a atenção, além de trazer sentimentos positivos ao conseguir otimizar o tempo e ser mais produtivo. Mas é preciso pensar qual é o objetivo em acelerar aquele conteúdo e se isso está sendo feito de forma equilibrada.

“Uma forma de conseguir ter resultados mais satisfatórios é sempre praticar a atenção plena. Ou seja, a atenção plena naquilo que eu estou fazendo, assistindo e realizando. Independente se for para consumir um conteúdo em velocidade acelerada ou estar em uma refeição, com os amigos, numa reunião de trabalho. É conseguir estar o máximo envolvido naquela tarefa ou atividade”, recomenda Emerson.

Além disso, a dica é prestar atenção aos próprios sinais de estresse e fazer intervalos depois de consumir conteúdos digitais, em que seja possível descansar e refletir sobre a que assistiu.

Fonte: drauziovarella.uol.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Dica de leitura

Não Pise no Meu Vazio - Ana Suy

Os textos reunidos neste livro foram escritos ao longo de uns dez anos ou talvez mais.

Em sua maioria, sem pretensão alguma de mostrar a alguém. Foi a partir do surgimento da expressão “não pise no meu vazio”, que chegou repentinamente para a autora em 2017, que nasceu a vontade e uma misteriosa urgência de publicá-los em formato livro.

Dividido em três partes – do que preenche, do que esvazia e do que preenche e esvazia ao mesmo tempo –, Não pise no meu vazio, da psicanalista e escritora best-seller Ana Suy, fala fundamentalmente sobre o amor, e, também, sobre os demais sentimentos que o coadunam. “É um livro sobre excessos, sobre faltas, sobre o vaivém da vida, sobre o amor, o ódio e a dor.

As poesias de Ana Suy nos fazem caminhar pelas avenidas, ruas, becos, ladeiras abaixo e acima, da infinidade de afetos que atravessam a cidadela da alma humana”, conforme a psicanalista e professora de Psicanálise Rita Manso.

Sinta-se convidado a entrar:

Só tome cuidado por onde pisa.



Livre Pensamento e Filosofia

A identidade pessoal é uma exigência social. E você pode observar que, em outros tempos, essa definição era escorada em grandes pertencimentos, em grandes permanências. Havia, portanto, uma exigência e uma cobrança de solidez identitária. Então, qual seria o novo traço da nova realidade que estamos vivendo?

Clóvis de Barros: A identidade líquida segundo Zygmunt Bauman:

<https://www.youtube.com/watch?v=VAr7MXhVPoc&list=PLZ32vwNKuhA7AykrEc7cALAdEBOMRYVXG&index=22>